

NOTAS SOBRE
O LATIM NO BRASIL

*Poemas latinos
de Manuel Botelho de Oliveira*



LATINĪTAS:

Uma introdução à língua latina através dos textos



NALPE
NÚCLEO DE ANTIGUIDADE
LITERATURA, PERFORMANCE E ENSINO

MÚSICA
DO
PARNASO



Manuel Botelho de Oliveira

ORGANIZAÇÃO E ESTUDO CRÍTICO

Ivan Teixeira

EDIÇÃO FAC-SIMILAR

[1705-1005]


Ateliê Editorial

**Poemas latinos
de Manuel Botelho de Oliveira**

Poemas latinos de Manuel Botelho de Oliveira

[Texto de Sílvio Bernal]

Manuel Botelho de Oliveira nasceu na cidade de Salvador em 1636 e, apesar de ter nascido em território brasileiro, tinha nacionalidade portuguesa. Estudou direito na Universidade de Coimbra, em Portugal, e, ao retornar ao Brasil, exerceu a profissão de advogado e ingressou na carreira política, tendo sido eleito vereador da Câmara de Salvador. Apesar da carreira política, Botelho entra para história por ter sido considerado o primeiro autor, nascido em território brasileiro, a ter um livro publicado ainda em vida: *Mal Amigo*, escrita em 1663 e publicada em Coimbra (na época não havia imprensa no Brasil). Entretanto, sua obra mais célebre é *Música do Parnaso* (1705), que se trata de uma publicação que reunia poemas em português, castelhano, italiano e latim (como veremos mais adiante), além de duas comédias escritas em castelhano. Botelho foi contemporâneo, e conviveu, com Gregório de Mattos Guerra, e veio a falecer em 5 de Janeiro de 1711, em Salvador.

Na sequência apresentamos dois epigramas e uma elegia do autor, poemas escritos em latim.

EPIGRAM. I

Adonis morto em os braços de Vênus

Infelix Cytherea necem dum plorat Adonis,
fient oculi maesti, prataque laeta virent.

Jungitur os ori, languescit corpore corpus:
dum vulnus cernit, pectore vulnus alit.

Parca videns mortis spectacula tristia, nescit
cui tribuit vitam, cui dedit illa necem.

EPIGRAMA I

Adonis morto nos braços de Vênus

Enquanto a infeliz Citeréia (Vênus) chora a morte de Adonis,
os olhos tristes choram, e os prados alegres florescem.

Os lábios se tocam simultaneamente, a alma se extingue do corpo:
enquanto vê a ferida, ela no peito aumenta.

Uma parca, observando os tristes espetáculos de morte, ignora,
concedeu-lhe a vida, e agora lhe deu a morte.

Daphne convertida em árvore

Insequitur Daphnem Phaebus stimulatus amore,
Hunc sua vota cient, illa timore volat.
Mox celeres cursus imitatur virgo paternos,
Sed Phaebo plumas aemulus addit Amor.
Illa vocat superos, viridis mox redditur arbor;
Arbore conspecta, talia Phaebus ait.
Non equidem miror; velut arbos pulchra uirebas;
Ac tua durities truncus, amore fuit.

Daphne convertida em árvore

Doente de amor, Apolo persegue Daphne,
Os seus desejos o excitam, ela corre com temor.
Em seguida a donzela imita os rápidos cursos paternos¹.
Mas um amor difícil atíça o desejo de Apolo.
Ela roga aos céus, e assim é transformada em uma verdejante árvore;
Tendo visto a árvore, Apolo diz o seguinte:
Certamente não me admiro, eras vigorosa como uma bela árvore;
O tronco e até sua dureza, existiu com amor.

Edição consultada:

BOTELHO DE OLIVEIRA, Manuel (1705/2005). *Música do Parnaso*. A poesia aguda do engenhoso fidalgo Manuel Botelho de Oliveira por Ivan Teixeira. Cotia, SP: Ateliê Editorial. Botelho (1636 - 1711). Disponível em: <http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/01363600>

¹ Peneu era o rio-deus, pai de Dafne. Aqui uma referência ao curso rápido do rio, lembrando a tentativa de fuga de Dafne.

TAGI, ET MONDAE.
Pro obitu DD. Antonii Telles de Sylva
Colloquium Elegiacum.

TAGUS.
Heu mihi! Jam morior tanto conjunctus amore;
Vivere me solum non sinit altus amor.

MONDA.
Me miserum planctus crudeliter occupat horror!
Sum Monda, & Mundo nuntia moesta dabo.

TAGUS.
Aurifer antiquitus jactabar: sed mihi luctus
Ferreus in paenis¹ aurea dona vetat

MONDA.
Urbs haec dicta fuit multis Collimbria ridens;
Sed Jam non ridens, sed lacrymosa Manet.

TAGUS.
Plorat Ulyssipo saevo concussa dolore;
Oceanus Lacrymis, non Tagus ipse vocor.

MONDA
Laetabundus aqua; placidis spatiabar arenis;
Sed celerem cursum paena timore et gelat.

TAGUS
Oh lux Lysiadum, spes oh fidissima Regni;
Quam cito tam viridem pallida Parca tulit.

MONDA
Semper Athenaeum tanto pollebat Alumno,
Sed, pereunte viro, tota Minerva perit,

TAGUS
Te vivente, tuo laetabar nomine, Telles;
Nomen erat sacrum, nam mihi numen erat

MONDA
Mens tua praecurrit paucis velocior annis,
Illico, quae veniunt, illico fata ferunt.

[...]

¹. No original consta "inpaenis", que interpretamos como "in poenis" ..

NO TEJO E NO MONDEGO

Colóquio elegíaco pelo óbito de D. Antônio Telles de Sylva

TEJO

Ai de mim! Estou morrendo de amor;
Um grande amor não permite que eu viva só.

MONDEGO

Que infeliz que eu sou! O medo atinge cruelmente as lamentações
Sou Mondego, e apresentarei minhas tristes mensagens ao mundo.

TEJO

Antigamente eu, aurífero, me vangloriava:
mas o luto cruel de dor me impede presentes de ouro.

MONDEGO.

Esta cidade foi considerada a “alegre Coimbra” por muitos.
Mas já não é alegre, mas sofredora subsiste.

TEJO

A abalada Lisboa chora com grande dor
Eu próprio não me chamo Tejo, agora sou um oceano em lágrimas.

MONDA

Radiante de alegria em água, me estendia por areias tranquilas;
Mas ela quase paralisa, com o temor, o célere curso.

TAGUS

Ó luz dos Lisíadas, ó sólida esperança do Reino;
Que a lívida Parca levou tão jovem (rapidamente).

MONDA

O Ateneu sempre era estimado por tão célebre aluno.
Mas, com o homem morto, a grande Minerva pereceu.

TAGUS

Enquanto vivia, eu me alegrava com seu nome, Telles;
O nome era sagrado, na verdade era um deus para mim.

MONDA

Teu pensamento correu na frente, mais veloz que os poucos
anos
Sem demora, o destino veio; sem demora, levou.

[...]

Edição consultada:

BOTELHO DE OLIVEIRA, Manuel (1705/2005). *Música do Parnaso*. A poesia aguda do engenhoso fidalgo Manuel Botelho de Oliveira por Ivan Teixeira. Cotia, SP: Ateliê Editorial. Botelho (1636 - 1711). Disponível em: <http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/01363600>

